Anna Mascolo: «tanto esforço terá beneficiado alguém?»

«Tenho um ideal a alcançar que transcende o meu ensino: o de criar nos meus alunos uma dignidade humana e artística».

Anna Mascolo – toda uma vida dedicada à arte balética. E também: toda uma carreira, primeiro como bailarina e seguida-mente como professora, afectada pelo facto de ter iniciado e querido prosseguir num meio sem tradição balética e a carecer do apoio que a Arte do Espectáculo necessita para desenvolver as potencialidades dos que a elas querem e podem pertencer.

Ao fim de muitos anos de trabalho e de constante tensão, a que conscientemente se submeteu, Anna Mascolo pergunta-se: Tanto esforço e fé terão beneficiado alguém? Em que medida?

Anna Mascolo. Dela e do seu trabalho se disse: «Para suprir as gravíssimas lacunas desse meio, avoluma-das até pelo afastamento geográfico dos Centros Europeus de Intercâmbio Cultural, teve de enfrentar e vencer quotidianamente uma luta contra o amadorismo, a improvisação e, tantas vezes, a incompetência: em si própria teve de encontrar a força para prosseguir, sem desfalecimento irremediável ou abandono definitivo, a vastidão e complexidade de trabalhos empreendidos, agora traduzidos numa experiência técnico-artística que com convincente adequada divulgação poderá constituir o alicerce de uma tradição no meio balético portuguêsa.

Anna Mascolo fez desde muito nova a sua escolha. Uma escolha difícil. A pergunta com que se interroga tem, quanto a nós, um apenas o sabor amargo de muitas desilusões, mas, sobretudo, a ansiedade de quem sabe que muito poderia ter sido feito, de que muito mais ainda poderá ser feito, embora no «Estúdio-Escola de Dança Clássica de Anna Mascolo» muitos jovens continuem diariamente a trabalhar.

Porque assim é, porque Anna Mascolo fez a sua escolha, conhecendo embora as realidades que a rodeiam, aí a temos a pedir uma bolsa de estudo ao Instituto Nacional de Investigação Científica, que em princípio lhe foi concedida, e a apresentar o seu vasto **plano de estudos**. Assim:

Plano de estudos

O trabalho de investigação que a signatária pretende levar a efeito – no País e no Estrangeiro – subordina-se ao tema «**Análise comparativa entre Escolas, Estilos e Métodos em Dança Clássica**».

Intuito deste trabalho, para além dos resultados que se pensa retirar a nível da investigação em Dança, será o de assegurar, através da sua publicação, também em língua estrangeira, posição como texto de apoio e de consulta para bailarins e professores da especialidade. O estudo comparativo ao qual obedecerá tem-se vindo a impor cada vez com maior insistência de modo a proporcionar o claro entendimento de exacta noção na prática de transmissão directa de professor a aluno, a nível internacional, e ao mesmo tempo a explicar pormenorizadamente os passos da Técnica Clássica.

O largo alcance deste trabalho pressupõe intensa pesquisa e profunda pormenorização em qualquer das diversas fases a que o seu todo obedecer. Assim, a duração dependerá em grande aparte das disponibilidades de tempo e vontade das individualidades, escolas e institutos estrangeiros a contactar e, ainda, dos meios técnicos e financeiros à disposição e finalmente da prontidão de resposta que o I. N. I. C. assegurará fazendo-lhe à signatária, quando da equiparação a bolseiro e da concessão da bolsa, as necessárias garantias de exequibilidade. De qualquer modo, o tempo mínimo necessário à execução completa do plano que se apresenta nunca será inferior a cinco anos, como segue:

No 1.º Ano – Itália/França
No 2.º Ano – França/Inglaterra
No 3.º Ano – Dinamarca
No 4.º Ano – URSS
No 5.º Ano – EUA/Canadá

Definição do plano de estudos

O esquema do trabalho obedecerá às seguintes fases:

A) **Preparação**
B) **Elaboração**
C) **Selecção e síntese do material recolhido**
D) **Publicação do trabalho** – em português, francês e inglês
A), C), D) – **a realizar no País**
B) **a realizar no Estrangeiro**
A realizar no País:

A) Preparação – Planeamento geral, compilação de questitos (questionário tipo) e ordenamento, seguido os diversos grupos, dos elementos básicos necessários à elaboração do trabalho, a decorrer num período de 6/8 meses do ano de 1981.

Para isso conta a signatária com a sua experiência de bailarina e da prática pedagógica de 23 anos ao longo dos quais e paralelamente ao seu trabalho material de pesquisa que servirá agora de apoio ao trabalho de «Análise comparativa» mencionado.

C) Selecção e síntese do material recolhido – Estudo, classificação e triagem dos elementos colhidos após cada deslocação aos diferentes Países e junto das diversas personalidades baléticas estrangeira a contactar.

Da Publicação do trabalho – Fase conclusiva, cujas etapas serão as seguintes:

1 – Agrupamento, apuramento, comparação e síntese dos elementos e material didáctico pedagógico, técnico e artístico recolhido.

2 – Classificação das nomenclaturas segundo ordem de importância com base nas informações recolhidas a nível das diversas escolas e personalidade consultadas.

3 – Explanação e comparação técnica das razões que levaram a alterações no uso da terminologia ou vocabulário académico-clássico corrente.

4 – Revisão e escolha do material fotográfico que integrará a publicação.

5 – Definição do Glossário (Balético e musical).

6 – Sistematização da Bibliografia consultada.

7 – Envio do trabalho – já ultimado e na sua fase pré-tipográfica – às personalidades e escolas contactadas para leitura e solicitação de pareceres.

8 – Consulta com os tradutores do trabalho para francês e inglês e com o maquetista da publicação.

9 – Revisão das provas tipográficas e acompanhamento do trabalho até à sua última publicação.

NOTA

O trabalho técnico-prático apontado nas alíneas A) e C) bem como o numerado de 1 a 5 implica a colaboração de acompanhador musical.

A realizar no Estrangeiro:

B) Elaboração – Pesquisa em bibliotecas especializadas e em contacto directo com individualidades de renome internacional no âmbito da Dança Clássica e nas Escolas de Itália, França, Inglaterra, Dinamarca, URSS, EUA e Canadá, com estadias calculadas em 3 meses em cada País, à excepção da URSS.

Pensa-se poder começar este estudo, no 1.º ano de trabalho, pela **individualidades**: Bianca Gallizia, Vera Colombo, Mario Pistoni, Giuliana Penna e outros, em Itália, e René Bon, Helene Sadowska, Nora Kiss, Hina Vyroubova, Rosella Hightower, Solange Golovine, Serge Golovine, Juan Giuliano e outros, em França;

e pelas **Escolas** em Itália, Teatro «alla Scala» (Milão), «Teatro dell'Opera» e "Academia Nazionale di Danza" (Roma); em França, Théatre de l'Opera" (Paris), «Centre de Danse Classique» (Cannes), «Académie Princesse Grace»(Mónaco).

NOTA

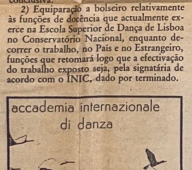
Os nomes agora apresentados serão confirmados e/ou substituídos e/ou acrescidos de outros após efectivação dos devidos contactos quando do deferimento do pedido de equiparação a bolseiro e concessão da Bolsa de Estudo.

Demais nomes de individualidades e de escolas a consultar serão oportunamente mencionados no decorrer do trabalho.

Condições requeridas para realização do trabalho:

1) Total apoio e assistência prestados ao longo de todo o trabalho, por parte do INIC, a fim de não inutilizar quanto já iniciado ou caso limite, obrigar a signatária à suspensão da investigação antes da sua fase conclusiva.

2) Equiparação a bolseiro relativamente às funções de docência que actualmente exerce na Escola Superior de Dança de Lisboa no Conservatório Nacional, enquanto decorrer o trabalho, no País e no Estrangeiro, funções que retomará logo que a efectivação do trabalho exposto seja, pela signatária de acordo com o INIC, dado por terminado.



3) Apoio financeiro necessário às suas deslocações e estadas no Estrangeiro (dado sob forma de Bolsa de Estudo) bem como o estabelecimento de contactos a nível oficial com os diversos Países estrangeiros considerados, ao abrigo dos acordos culturais existentes e ao pagamento de material e/ou eventual remuneração devida às individualidades estrangeiras a contactar.

4) O tempo de estada nos diferentes Países será definido vez a vez pela signatária após prévio acordo com as individualidades e escolas estrangeiras e com o INIC.

5) Colaboração de pianista (acompanhador musical) para o tempo de trabalho previsto no País.

As perguntas e as respostas

Anna Mascolo fez recentemente parte do júri do IV Concurso Internacional dos Artistas de Ballet, que se realizou em Moscovo de 11 a 26 de Junho, para o qual foi convidada por Olga Lepeshinskaya, presidente da organização do concurso.

A figura de Anna Mascolo, a sua luta a favor da arte balética em Portugal, a sua persistência pela dignificação do artista, toda a sua imensa obra neste campo, a coerência do seu pensamento e acção e a sua inquebrantável força de vontade, que, de certa maneira, negam a pergunta que, agora, se faz a ela própria, **tanto esforço e fé terão beneficiado alguém? Em que medida?** – levaram-nos a dirigir-lhe algumas breves perguntas:

P – Se entrasse num jogo de palavras como asa, pássaro, movimento, traço luminoso, cor, e lhe dissesse que são estas e outras como poesia, voidão, alegria, mar, voo, que me ocorrem sempre que vejo um espectáculo de ballet, e se com elas concordasse, gostava que me dissesse quanto tempo leva uma bailarina ou um bailarino a ser tudo isto, a figurar tudo isto?

R – Acho que é tudo isso que ao longo da nossa vida tentamos conseguir. Mas uma vida não é para tanto. Talvez um disser que sim, está a mentir. Nós bem o tentamos. É verdade que sim, que a dança nos dá todas essas sugestões.

P – Às bailarinas de Degas deram-se sempre a sensação de tudo isto que sublinhei, mas o espectáculo traz-me também ao pensamento a mulher que está para lá da bailarina, a sua luta e persistência, os seus pequenos dramas, os seus triunfos, o seu quotidiano, a sua condição de mulher. Falei-me um pouco de tudo isto.

R – Até determinada altura da minha vida, nunca pensei que ser bailarina era dever ser ser mulher; aquilo a que nós estamos habituadas. Como ter um filho, por exemplo. Aprecebi-me que ser bailarina sem ter filhos é como pôr um quadro na parede sem ter moldura. É fazia-me falta... o quadro na parede com a respectiva moldura.

A arte balética apresenta problemas mais agudos, sobretudo em países em que não existe um bailado muito desenvolvido. É necessário que as pessoas consigam uma vida normal sem terem necessidade de sairem dos seus países de origem.

Repare que, em Portugal, qualquer artista tem que se prestigiar primeiro no estrangeiro para o ser depois no seu país.

O ter permanecido aqui, penso que foi uma asneira muito grande que fiz. O ter regressado a Portugal é capaz de ter sido mau para a minha carreira artística. Cada vez tenho mais dúvidas a este respeito.

P – Num país em que a Cartilha do Marialva do José Cardoso Pires continua como documento de referência importante, para além do valor literário da obra, ser bailarino em Portugal é sugestão para grande número de jovens?

R – Estamos a tocar numa tecla que tem que ver com a cultura e a educação. Penso, no entanto, que actualmente o complexo de macho que pode impedir um jovem de aprender ballet – e para aprender ballet deve começar-se logo aos 9 ou 10 anos – está vencido.

Devido ao esforço de grande número de pessoas, o bailado saiu um pouco do balbuciar em que se encontrou durante grande número de anos. É certo que em muitos familiares permanece um certo retraimento. Um pai, mesmo conhecedor, sabendo que a carreira de bailarino tem tantos escolhos e sabendo que em Portugal o futuro do filho não será brilhante, pelo menos não será seguro, prefere que este tire um curso em qualquer faculdade. Num país como o nosso, em que um curso superior assegura desde logo um certo estar social, ser bailarino não desperta muito interesse. É natural e humano que um pai queira dar ao filho o que lhe parece ser melhor. No entanto cada um é como é, daqui que haja já muitos jovens a aprender bailado. É natural que ainda durante a minha vida as coisas se modifiquem.

P – Que medidas indicaria para o desenvolvimento do Ballet em Portugal.

R – A criação de um Instituto Superior de Dança, que teria por principal missão fazer profissionais. E, aliás, um projecto que já apresentei em 1979 e que, embora se diga muito bem dele, continua na gaveta. Felizmente temos duas companhias de bailado.

Bailarinas (cartão e pastel, 1879) de Degas

Qualquer delas apenas necessita de um público conhecedor, preparado. Um público e uma crítica, pois esta tanto peca por ignorância como por louvaminha. Ambas podem ser destruidoras.

P – Na sua luta, que todos conhecem, para o desenvolvimento do ballet em Portugal tem encontrado facilidades? A pergunta sobre isso os países, mais parecem desp zar aquilo que têm. A cultura é o próp futuro de todos os países. O ballet faz pa da cultura.

– Nasceu em Nápoles em 1930. Em Bolsa concluiu o Curso de Dança Clássica do Conservatório Nacional e de Bailado com o prémio «Nova Geração» (1947).
– Da geração dos pioneiros, teve acção primordial no desenvolvimento do primeiro agrupamento português de Dança Clássica (Círculo de Iniciação Coreográfica, de Margarida de Abreu) e subsequente implantação do Bailado em Portugal.
– Em Paris estudou com Olga Preobrajenska, Lubov Egorova, Victor Gsowsky, Mme Rouzanne.
– Em Londres, com Idzikowsky e Gontcharov.
– Em Nápoles, com Bianca Gallizia.
– Ingressou no «Grand Ballet du Marquis de Cuevas» com o nome artístico de Anna Maria Frisi. Em contacto com personalidades como Bronislava Nijinska, Fela Doubrovska, Leonide Massine, Edward Caton, ca segue-se Issional desenvolvida com Rosella Hightower, os Golovine, Nina Vyroubova, George Skibine e através de um trabalho colectivo de criação e disciplina impares, desenvolve em si o verdadeiro sentido da Dança como ideal de vida.
– No Teatro «alla Scala» (Milão) estudou com Esmée Bulnes, datando desta época o seu primeiro contacto com a escola russa de Agripina Vaganova. Esta experiência induziu-a a uma reflexão profunda e a um repensamento total do seu modo de viver a Dança, sentido então que a criatividade de «interpretecarecia de ser completamente por árduo trabalho de investigação e de estudo da pedagogia do ensino da Dança, como alicerces da sua futura acção pedagógica.
– Nesta perspectiva, coligiu elementos muito importantes para o seu estudo e pesquisas sobre a Dança e sua origens.
Intensifica a procura coreográfica e a análise musical e do movimento.
– Sempre em Milão, trabalhou e colaborou com Edda Martiognoni.
– Motivada pelo incremento de que necessitava o movimento balético portugês decidiu em 1957 renunciar à sua carreira internacional de bailarina e empreender em Portugal obra de valorização do Bailado, tentando congregar esforços de todos quantos pudessem contribuir para essa finalidade.
– Concretizando o seu ideal da Dança em moldes estritamente pedagógicos estruturou e fundou em 1958 o seu «Estúdio-Escola de Dança Clássica» com a finalidade primeira de criar um centro de ensino para futuros profissionais, a par de uma actividade cultural e divulgativa que vieram a merecer-lhe, em 1969, O «Prémio da Imprensa» com uma menção especial por tal empenho.
Foi Directora Artística do «Grupo Experimental de Ballet» que esteve na base do actual «Grupo Gulbenkian de Bailado».
– Como Presidente da Direcção do «Centro Português de Bailado» trouxe a Lisboa a Mostra do «Museo Teatrale alla Scala» referente à Dança.
– Em 1969 formou o seu próprio «Grupo de Bailado» com a finalidade de enquadrar os alunos bailarinos do seu Estúdio-Escola na estrutura de uma companhia de bailado e dimensionar a nível profissional a sua futura actividade.
Fez parte do Grupo de Trabalho constituído para estudar a Reforma do Conservatório Nacional (Dança – 1971/72).
– Obteve o «Diploma de Excelência» no Concurso Público para Professores de Bailado, promovido pelo Ministério da Educação (1974).
– Ingressou no Corpo Docente da Escola Superior de Dança de Lisboa do Conservatório Nacional (1975), para a qual estruturou planos de estudos pedagógicos.
– Leccionou no «Grupo Gulbenkian de Bailado» (Lisboa).
– Leccionou em Montreal (Canadá) a convite de Ludmilla Chiriaeff.
– Em 1976 participou numa missão cultural em Baku, no Azerbaidjan (Teatro de Ópera e Ballet), na URSS.
– Foi «Convidada de Honra» no III Concurso Internacional de Bailado, no Teatro Bolshoi (Moscovo – 1977).
– Foi Membro da Comissão de Reestruturação do Ensino Artístico em Portugal (1978/79).
– Pelo Ministério da Educação e Cultura teve a incumbência de apresentar um projecto para uma Escola de Dança (1979).
– Leccionou em Udine (Itália) no Instituto Escola de Dança Ceron (1979).
– Estudiosa de pedagogia e da metodologia da Dança Clássica, estruturou o seu próprio método de ensino.
– Evidenciou em artigos, conferências, críticas e coreografias, a diversificação dos seus conhecimentos profissionais.
– Figura proeminente no panorama da Dança Clássica em Portugal, foi uma bailarina versátil, de forte personalidade dramática.

Para a sua formação artística contribuiram ainda os ensinamentos de: John Taras, Alan Lander, Birger Bartholin, Georges Balanchine, Vladimir Skouratoff, Dame Ninette de Valois, Ursula Moreton, Anna Northcote (Severeskaya), Melusine Wood, Anna Ricardo, Zverev, Victoria Eugenia de Orozco, René Bon, Paul Szilard, Serge Lifar e Anton Dolin.

Repertório de Bailado (como Intérprete): «Pássaro de Fogo», «Quadros de uma Exposição», «Fêtes», «Tágides», «Mefisto Valz», «Clair de Lune», «Polaca Heróica», «Concerto de Schumann», «Variação Clássica», «Sinfonia em Dó», «Seculo XVIII», «Gollywog's Cakewalk», «Dança do Vento», «Grazioso», «Sequência de Danças», «Carosello Napoletano» (film), «Le Lac des Cygnes», «L'Ange Gris», «Del Amor y de la Muerte», «Bolero», «Tertulia», «Prince Igor», «Le Moulin Enchanté», «Scarlatiana», «Dona Inês de Castro», «Concerto de Chopin», «Pétrouchka», «Concerto Barroco», «Le Beau Danube», «Le Prionnier du Caucase», «La Somnambule», «La Sylphide», «Romeo et Juliette», «Pas-de-Quatre», «D. Quixote», «Annabel Lee», «Le Cygne de Tuonela», etc.

Repertório de Óperas (como Intérprete e Coreógrafa): «Aida», «Carmen», «*André Chenier*», «Manon», «Traviata», «Sonambula», «Nozze di Figaro», «Fausto», «Serrana», «La Rondine», «Rigoletto», «Elixir de Amor», «Principe Igor», «Gioconda», «A Flauta Mágica», etc.

Coreografias: «Perfis», «O Sonho», «A Morte e o Convidado», «Lição de Dança Clássica», «Ma Mère l'Oye», «Valses Nobles», «Gymnopédies», «Momento Coreográfico» (Homenagem a Schubert), «Canto Lusitano» (Homenagem a Camões), «Scuola di Ballo», «Poemas», «Variações Clássicas», «Allegro Barbaro», «Julieta», «A Loja de Coppelius», «O Gato Mandrião», «Desfile», «Valse», «Meditação», «Gagliarda», «Minuet», «Esmeralda», «Bolero 1830», «Fantasia Galante», etc.

arte e espectáculos

Ana Máscolo no Bolshoi

Conviver com astros e estrelas e escrever sobre dança clássica

Viajar de Lisboa a Moscovo é facilidade de muitos portugueses. Mas muito poucos o farão nas condições em que Anna Máscolo transpõe esses cinco mil quilómetros (reparo que talvez por alergia as nossas agendas ainda não incluem a capital da URSS nas distâncias quilométricas entre as principais cidades da Europa...).

Porém, ela está aqui a meu lado, calma e senhoril, explicando como essas coisas lhe acontecem:

— Há quatro anos, fui «convidada especial», para assistir às provas de dança clássica do concurso internacional, promovido pelo Bolshoi. Este ano, fui convidada a participar do juri do mesmo concurso. Como a minha política é apenas a dança, concluo que ambos os convites foram feitos por reconhecimento de alguns méritos. E para já quero dizer que o ambiente em que decorre tal concurso é de festa do espírito o mesmo é que dizer, festa de arte. Os membros do juri, de muitos países ocidentais ou não, são distinguidos com flores, sorrisos e aplausos. Posso dizer-lhe que lá não fui excepção. E que fui distinguida, ainda, com jantares, almoços e recepções, por parte de embaixadas, nomeadamente a do Brasil que também homenageou os brasileiros presentes ao concurso.

Feita esta introdução, permita-se a entrevistadora uma consulta à «literatura» de que Anna Máscolo está acompanhada, para dar ao leitor ideia do prestígio que envolve o convite que lhe foi dirigido por parte de um país que está, a nível oficial, com as relações culturais «congeladas»...

O juri neste IV Concurso Internacional de Artistas de Ballet era constituído por delegados de vinte e três países.

Entre a Polónia e a Suiça, figurava Portugal. As duas Alemanhas, a Mongólia, o Japão, a Austrália, os Estados Unidos, a Turquia e onze representantes da URSS (entre outros dois dois blocos) sentavam-se à mesma mesa e erguiam a pala da sua pontuação. O presidente era Youri Grigorovitch, a presidente da organização do Concurso Olga Lepeshinkaya. E para falar apenas de alguns nomes mais conhecidos dos palcos portugueses, darei os de Alice Alonso, Yvette Chauviré, Galina Oulanova, Madaleine Popa, Robert Geoffrey. Aliás, não era só nesta lista do juri que Anna Máscolo representava Portugal.

Trouxe consigo um volume da «Enciclopédia de Ballets (em russo...) quinze linhas de biografia do tamanho de quase todas as que a acompanham: as escolas que frequentou em Portugal e no estrangeiro, a sua presença na Companhia do Marquês de Cuevas, cujas distinções se alargam à medida que o tempo passa, no Grupo Experimental de Ballet, o seu estúdio de dança, o ensino no Conservatório, as «pequenas e médias» companhias que ten criado e se lhe escapam das mãos, por falta de apoio oficial, antes que tenham provado que percurso lhes interessa percorrer — e, sobretudo, o papel, que tem desempenhado em vão, num plano superior da cultura pela dança.

Conviver com as «estrelas»

Intransigente e reivindicativa de uma escola clássica, como ponto de partida para todos os caminhos a percorrer, quantos projectos Anna Máscolo já elaborou a pedido oficial?

— Por alguma razão durante as duas semanas do Concurso, muitos dos primeiros bailarinos e outros que aspiram a sê-lo prestam duras provas técnicas e de resistência neste concurso promovido pelo Bolshoi. São jovens entre os 16 e os 19 anos, de um lado, e os 19 dos 20 aos 28, do outro lado. Vieram a Moscovo, como simples observadres, personalidades da dança da grandeza de Rosella Eightower, agora a dirigir a companhia da Opera de Paris.

— Não estiveram bailarinos portugueses no Concurso...

— Não. O convite foi feito e, na carta que dirigia a Olga Lepeshinskaya bem lhe manifestei quanta alegria me daria ver, como ela dizia, os talentos dos artistas bailarinos portugueses apreciados na URSS...

Anna Máscolo não diz mais sobre o assunto mas eu recordo-me que, há 4 anos, ela pedira bolsas de estudo para o trabalho intensivo diário de alguns artistas, mas o pedido ficou sem resposta. Sem resposta, não obstante as boas intenções do então embaixador em Moscovo, Mário Neves, foram as propostas concretas tiradas do Bolshoi a Lisboa. Promover-se-ia um concurso de musica entre portugueses para um tema à nossa escolha (Inês de Castro) e aquela prestosa companhia encarregar-se-ia da coreografia e da produção que lançaria no mundo internacional da dança...

— E com tudo isto, Anna Máscolo?...

— Nada. Nem «Inês de Castro» nem bailarinos no Concurso de 1981...

— Mesmo assim, acha que são uteis a si e ao ballado português os contactos com esse mundo da dança, tão povoados de astros e estrelas?

— Claro. não é em vão que se fala com um Yuri Grigorovitch, director artístico da Companhia do Bolshoi, com uma Sofia Golovkina, directora da escola do mesmo Bolshoi, uma Galina Oulanova, directora da escola do Kirov ou a directora de uma escola como a de Leninegrado. Mas o Bolshoi, pelo menos nestas alturas, é ponto de encontro de todas as celebridades internacionais, como Betty Olyphan, directora do Instituto de Dança do Canadá (Toronto), Margot Scott, pioneira do ballado australiano, o crítico de bailado Pedro Simon, os Ohnoru Ochi e Rosáko Oho, do Japão, que no seu país, em colaboração com a Universidade de Tóquio, organizam o concurso de uma identica a este de Moscovo. E não lhe falo de quantas fui a convivência com os bailarinos Raya Olisseskaa e Vladimir Vassiliev.

Volto a debruçar-me sobre papéis. Neste Concurso «forçado», de que não era fácil triunfar, os URSS ganharam cinco prémios para rapazes e raparigas entre os 16 e os 19 anos; a grande surpresa, quatro prémios, vindo depois os Estados Unidos e a RDA, cada um com dois prémios muito representativos, Japão com um apenas. Repare-se, que entre os premiados estão também duas escolas, a do Canadá e a RDA.

Mas para os bailarinos entre os 20 e os 28 anos, depois da URSS (dez prémios, entre os quais um «grand-prix», duas medalhas de ouro, uma de prata e duas de bronze), o Canadá conquistou duas medalhas de prata e até a Mongólia que aparece pela primeira vez, obteve uma medalha de bronze, ao passo que a Venezuela nada mais nada menos, conquistava uma medalha de ouro.

— Anna Máscolo, a que atribui estes dois últimos prémios, para países sem tradições de dança clássica?

— Mas a uma escola! Evidentemente, a uma escola a sério...

Um retrato em negativo

Poderíamos, então entrar aqui naquela espécie de ferro na bigorna em que Anna Máscolo anda a bater desde que regressou a Portugal, depois de passar pela Companhia do Marquês de Cuevas e pelas escolas de Paris e Itália. Mas Anna Máscolo, por muito estranho que pareça orienta o nosso diálogo em sentido diferente. Que não temos um Instituto Superior de Dança, embora já o tenhamos de ginástica; que, a pedido das entidades competentes, elaborou um projecto para criação desse Instituto que permanece nas gavetas do Ministério da Educação (já da responsabilidade do Prof. Vitor Crespo); que temos as escolas de Ballet Gulbenkian e da Companhia Nacional de Bailado mas não temos uma escola onde se formem bailarinos para outras companhias ou, sobretudo, para criar novos professores em moldes pedagógicos; que reina a anarquia e o desprestigio do ensino da dança, pois qualquer um, sem diplomas nem provas, pode abrir escola e intitular-se professor; que é real (o perigo) não está apenas no mau ensino mas nos aleijões anatómicos a que ficam sujeitos os alunos que se entregam nas mãos de quem não foi preparado para ensinar foi preparado para ensinar portanto, sem conhecimentos de anatomia; que... que... que...

— Poderia lembrar-lhe, e aqueles que se debruçarem sobre este nosso encontro, que depois de 74/75 se perderam muitas sementes que antes e então se lançaram à terra. Parecia que a constituição de um juri internacional, que então fez uma avaliação de valores, era o começo da moralização de atribuição de diplomas de professores. Mas viu-se que a experiência não se fez lábito e que, além do mais, nos falta uma política de bailado ou definição dos objectivos da dança, como expressão de cultura.

E verdade. E Anna Máscolo (ela que, de Verão, dá cursos de dança em Itália) até podia perguntar: em que escala profissional se situa o ensino artístico em Portugal (as Escolas Superiores de Belas-Artes perguntam o mesmo...), que condições mínimas são asseguradas a adolescentes de 16 ou 18 anos, para exercício de dança, que estruturas sociais sentem a «necessidade» da dança (e do teatro?) como realização cultural, quem entende o significado exacto do tempo, entre o ensino no liceu e no estudio?

(Foto «DN» — José Santos)

Ana Máscolo: «O meu projecto é uma análise comparativa entre escalas, estilos e métodos em dança clássica»

As respostas a estas perguntas e outras estão no seu projecto para a criação de um Instituto Superior de Dança, o seu esforço de trinta anos para criar estruturas, clima, seriedade, ao ensino em Portugal é, aliás, conhecido no Ministério da Cultura Soviética. Também no Brasil, que a convidou (e aceitou) através de Helba Nogueira, a participar no II Congresso de Dança a decorrer em Outubro, no Rio de Janeiro, S. Paulo, Brasília, Curitiba, e Baía, para debate de princípios sobre ensino, educação e espectáculos...

A experiência internacional de Anna Máscolo, a sua luta, em Portugal, por mentalização sobre o papel da dança como agente de cultura e valorização dos seus praticantes, o seu esforço para formar companhias pequenas mais ou menos itinerantes, a sua participação (com sacrifício pessoal), nas bolsas de estudo para os seus alunos e pré-profissionais, a galvanização que gera á sua roda, principalmente a partir de antigos discípulos e das famílias dos alunos, para tantas das suas iniciativas, a intransigência e a competência com que exige sempre o melhor, num país em que tantas vezes, desde o desporto, á arte e à ciência os medianos são confrangedoramente enaltecidos como os mais-mais, finalmente, o exercício de uma pedagogia exemplar — tudo isso fez da Anna Máscolo a primeira personalidade do bailado em Portugal, respeitada e enaltecida no estrangeiro.

Um trabalho de investigação histórica

— Anna, sabe-se que, para além de todas estas notícias algo palpitantes que trouxe de Moscovo, outras de muita importancia pode dar aos Portugueses...

— Sim, um projecto que levei de Portugal e apresentei lá a várias entidades responsáveis. Durante seis meses, trabalhei aqui nesse projecto, como equiparada a bolseira pelo Instituto Nacional de Investigação Científica, o INIC.

— Explique, então, o que é o seu projecto, Anna...

— É uma análise comparativa entre escolas, estilos e métodos em dança clássica, a levar a efeito em Itália / França, França / Inglaterra, Dinamarca / Suécia, URSS e Estados Unidos/Canadá. Um mínimo de cinco anos propus para este estudo comparativo de muito interesse para o conhecimento, fixação e definição de emigrações de influências. Confirme propus ao pedir a equiparação a bolseira, pretendo fixar neste trabalho, a editar em português, francês e inglês, um texto de apoio e de consulta para bailarinos e professores da especialidade, tendo em conta que tal estudo comparativo é cada vez mais necessário ao claro entendimento da prática de transmissão directa de professor a aluno. Nele explicarei, pormenorizadamente, as diferenças dos passos da técnica clássica. É evidente que não ostou a referir-me apenas a problemas eventualmente existentes em Portugal mas também a outros países.

— E já tem algum apoio estrangeiro?

— Em Itália, entre outras colaborações, terei a de Giuliana Penzi, em França a de Yvette Chauviré, na Suécia/ /Dinamarca, a de Elsa Marianne von Rosen, na URSS, a de Youri Grigorovitch, Olga Lepeshinkaya e do próprio ministério da Cultura, no Canadá a de Betty Olpham. Espero poder também contar com Ludmila Chiriaeneff e tenho já o apoio das embaixadas da França, da Suécia e dos Estados Unidos. E creio que o sr embaixador do Canadá, que acaba de me convidar para participar da Aliança de Amizade e Cultura Luso-Canadiana, irá igualmente interessar-se por este aspecto de colaboração.

Anna Máscolo, membro vitalício do Museu do Bolshoi, influências que são estranhas á sua pureza — como é, sim, que ninguém se havia lembrado de levar por diante trabalho tão exaustivo quanto indispensável?

Estamos no século de Diaglilev, de Isadora Duncan, de Béjart, de Cunninghan. Esta trabalho de Anna Mascolo vai ao encontro de muitas preocupações nos países que marcam assento na história da dança, pelos seus métodos, pelas suas inovações, pela sua fidelidade, pelas suas correntes de pensamento.

Anna, este vai ser então um trabalho histórico. Até daqui a cinco anos — pelo menos...

— M.A.

Diário Notícias 8/7/1981 ✓

SÍNTESE 4

Ana Máscolo na URSS

Regressou ontem da URSS a professora e bailarina Ana Máscolo, que a convite do Bolshoi participou do júri do IV Concurso Internacinal de Moscovo. Aproveitando a sua presença na União Soviética, Ana Máscolo (que nos dará as suas impressões em exclusivo) visitou também Leninegrado.

HOJE NO "DN"

Casamento real

A medida que se aproxima a data do casamento de Carlos e Diana, aumentam em Londres o entusiasmo e nervosismo próprios dos últimos preparativos — ao mesmo tempo que estão já a postos os milhares de agentes policiais e soldados envolvidos na apertada rede de segurança criada pela Scotland Yard para envolver todo o percurso que o cortejo seguirá entre Buckingham Palace e São Paulo. Pág. 6

Anna Máscolo

26.07.81 →

Membro do juri do Concurso Internacional de Dança Clássica, promovido pelo Bolshoi, professora de cursos internacionais, Ana Máscolo, no seu regresso de Moscovo, confiou-nos importantes declarações, nomeadamente, sobre os trabalhos de investigação a que procede com o patrocínio de Portugal e outros países. Pág. 9

Suplementos

A carência de jardins de infância, a falta de apoio à terceira idade, a questão das consultas de planeamento familiar e a situação do aborto face à consciência de cada um e à lei vigente, a assistência aos deficientes — são alguns dos temas abordados numa entrevista concedida pela Secretaria de Estado da Família a Maria Augusta Silva, e a qual constitui o ponto principal do suplemento «Família».

Marinha

Em 31 de Dezembro de 1980 as dívidas à Banca, não pagas, da Soponata, Companhia Nacional de Navegação e Companhia de Transportes Marítimos ascendiam a mais de nove milhões de contos, segundo um relatório do Ministério dos Transportes e Comunicações. Pág. 3

D. Lisboa 30/7/1981

Dança 4

O Grupo Experimental de Dança Jazz, criado o ano passado em Lisboa, inicia a 3 de Abril no Teatro Maria Matos os espectáculos da sua primeira temporada.

O grupo, que recebeu no início da sua formação lições de uma bailarina da Broadway, inspira-se de Fred Astaire e do music-hall dos anos 40 tal como ele era tocado pelas grandes orquestras de «jazz».

A maioria do seu repertório, no entanto, é mais vasto do que aquelas referências e inclui, entre outras, composições de Vivaldi, Pink Floyd e Stevie Wonder.

Embora não seja ainda uma verdadeira companhia, o grupo, composto por 12 bailarinos e uma escola para estagiários, tem já um estatuto semiprofissional.

A maioria dos bailarinos vem da Gulbenkian, do Conservatório e da escola de Ana Mascolo. Os coreógrafos e directores artísticos são Luís Horta, Ana Macara e Lilian Viegas.

O grupo, que actuará no Teatro Maria Matos a 5 de Abril, é subsidiado pela Secretaria de Estado da Cultura e o Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis.

Depois de Lisboa, o grupo deslocar-se-á a Águeda (dia 6), Aveiro (9), Estarreja (10) e Porto (11).